



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LÍNGUA MATERNA E LINGUAGEM MATEMÁTICA: ANÁLISE DE PESQUISAS ACADÊMICAS

Tiêgo dos Santos Freitas

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, E-mail: tyego-santos@hotmail.com

Maria José Herculano Macêdo

Universidade Federal do Maranhão – UFMA, E-mail: mariejhm@hotmail.com

Dhiego Vieira do Amaral

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, E-mail: dhiegoamaral15@hotmail.com

Resumo: as dificuldades presentes no ensino de matemática são sempre alvo de constantes investigações. Discussões e planejamentos são sempre realizados visando sanar ou mesmo amenizar os problemas de aprendizagem nessa área de conhecimento. A Educação Matemática enquanto um campo de pesquisa apresenta uma série de propostas metodológicas e discussões acerca dos processos de ensino-aprendizagem dessa disciplina, dos anos iniciais ao Ensino Superior. Nesse trabalho apresentamos uma síntese das pesquisas realizadas acerca da preocupação com a questão da leitura e interpretação de textos nas aulas de matemática, especificamente sobre a Língua Materna e a Linguagem Matemática. Essas investigações têm uma forte presença nos anos iniciais da Educação Básica (Ensino Fundamental I e II) e destacam a importância dos professores dessa área de conhecimento possuir uma preocupação com a questão da leitura e da interpretação do texto matemático em sala de aula, favorecendo a resolução de problemas por parte dos alunos e promovendo uma aprendizagem com compreensão.

Palavras-chave: Língua Materna, Linguagem Matemática, Pesquisas Acadêmicas.

1 Palavras Iniciais

É consenso entre os docentes de matemática a preocupação com os baixos índices de desempenhos de nossos alunos nas mais variadas disciplinas que compõem a Base Nacional Comum de conhecimento proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Uma das disciplinas que tem apresentado altos índices de reprovação e de insatisfação por parte de professores e de alunos, dos anos iniciais ao Ensino Superior, conforme apontado em diversas pesquisas e avaliações educacionais da aprendizagem nas quais nossos alunos são submetidos, como a Provinha Brasil e a prova Brasil (constituintes do SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o *Programme for International Student Assessment*¹ (PISA).

¹ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - é uma iniciativa internacional de avaliação comparada,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Além dos problemas presentes no ensino de matemática há diversas lacunas no meio educacional, conforme aponta Sadovsky (2010) em seu livro “O ensino de Matemática hoje: enfoques, sentidos e desafios”, no qual a pesquisadora apresenta um questionamento pertinente sobre o seu ensino, a saber:

Como encontrar fundamentos para o otimismo, quando a *realidade* produz desassossego? Jovens acusados de não saber nada; docentes insatisfeitos e cansados de lidar com adolescentes que parecem desprezar o que eles têm a oferecer; distâncias intransponíveis entre escolas frequentadas pelos *ricos* e as que alojam os *pobres*; assimetrias injustas não só na distribuição, mas também nas possibilidades de aproveitamento dos recursos que circulam; participantes da escola – todos – acusados de adotar a cultura da *facilitação*. (p. 11). Grifos da autora.

As palavras de Sadovsky (2010) refletem a situação do ensino de Matemática na Argentina, mas estas problemáticas relatadas não se restringem apenas a esse país, pois percebemos que as situações retratadas pela pesquisadora, também, se fazem presentes em nosso sistema educacional, sempre criticado pelos baixos índices de desempenhos de nossos alunos nas mais variadas avaliações educacionais as quais eles são submetidos. Além do baixo desempenho de nossos alunos, há problemas relacionados à infraestrutura das escolas, a desvalorização docente e a baixa qualidade do ensino oferecido, principalmente na rede pública de ensino.

Essa cultura da facilitação apontada por Sadovsky (2010), também, é destacada por Medeiros (2005) ao tratar de forma específica sobre o ensino de matemática, afirmando que:

[...] a Matemática, da forma que comumente vem sendo apresentada, quer em aulas, quer em livros-texto, traz subjacente a idéia do *edifício pronto*, da *obra acabada*, onde a busca das soluções das questões não é vivida *com* o aluno, encobrendo sob o peso de uma aparente clareza da exposição lógica e organizada dos seus termos, o fazer Matemática; encobrendo, em uma *didática da facilitância* [...]. (pp. 18-19) (Grifos da autora)

Essa facilitação presente no ensino da Matemática aliada ao tradicionalismo pedagógico no sentido de que o professor, geralmente, define e exemplifica o conteúdo para, em seguida, passar exercícios e os alunos seguirem os passos explicitados por ele, tem sido apontado como um dos principais motivos do fracasso nessa área de conhecimento.

Neste contexto, a disciplina de Matemática tem passado por constantes mudanças ao longo dos anos, em busca de um ensino eficaz “[...] um tipo de trabalho mais satisfatório,

aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, sendo aplicada a cada três anos.

Fonte: <<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>>

Acesso: 03 julho 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mais prazeroso” (SADOVSKY, 2010, p. 13). Essa área do saber, essencial à formação profícua de nosso alunado, desde a fase inicial de seus estudos, vem sendo objeto de pesquisa de diversos estudiosos, visando encontrar alternativas que favoreçam um processo de ensino-aprendizagem satisfatório para esse campo de conhecimento.

Nesse sentido, a Matemática, é uma das principais áreas de conhecimentos que possui aplicação em diversos campos do saber. Sobre a importância do conhecimento matemático, Gómez-Granell (1997, p. 257) afirma que “saber matemática é uma necessidade imperativa numa sociedade a cada dia mais complexa e tecnológica, em que se torna difícil encontrar setores em que esta disciplina não esteja presente”.

Dessa forma, objetivando melhorar o ensino nessa área de conhecimento, várias foram as reformas curriculares ocorridas em nível mundial ao longo dos anos, conforme apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Matemática (BRASIL, 1998). Uma alternativa proposta pelo Conselho Nacional de Professores de Matemática² (NCTM) dos Estados Unidos foi o trabalho com a resolução de problemas “como o foco do ensino da matemática” (*idem*, 1998, p. 20). Esta e, outras, recomendações presentes no documento “agenda para a ação” do NCTM, influenciaram diversas reformas ocorridas no mundo desde 1980 (BRASIL, 1998).

E para que a resolução de problemas, como uma metodologia de ensino, prospere em sala de aula, além de todo o trabalho planejado pelo professor para que essa atividade ocorra de forma satisfatória, é preciso que os alunos se familiarizem com o hábito da leitura, e mais que isso, compreenda os vocábulos da linguagem comum e da linguagem matemática.

Essa preocupação com a questão da leitura e escrita em matemática tem sido uma área de constantes investigações dentro da Educação Matemática enquanto um campo de pesquisa que visa identificar problemas de aprendizagem nessa área de conhecimento e divulgar experiências que favoreçam a reflexão sobre os processos de ensino-aprendizagem nesse campo de conhecimento, conforme nos assegura Almeida (2012, p.36):

Em Educação Matemática, recentemente pesquisadores têm dado especial atenção ao papel da leitura ou da escrita matemática ou para o ensino ou aprendizagem da Matemática. Os Congressos de Leitura do Brasil (COLE) apresentam diversas

² Conselho Nacional de Professores de Matemática (situado nos Estados Unidos) “é a voz pública da educação matemática, apoiando os professores para garantir a aprendizagem matemática equitativa da mais alta qualidade para todos os alunos através da visão, liderança, desenvolvimento profissional e de pesquisa”. Disponível em: <<http://www.nctm.org/mission.aspx>> Acesso: 07 julho 2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pesquisas nesse sentido por meio do seu eixo temático *Leitura e Educação Matemática*, integrado por resultados de pesquisas da área, aquelas que têm se preocupado com aspectos comunicacionais em sala de aula, inclusive leitura e escrita. (Grifos do autor)

Assim, nesse trabalho, buscamos identificar pesquisas desenvolvidas que tratem sobre a questão da leitura e interpretação de textos aliados ao ensino de matemática.

A análise aqui apresentada trata-se de um recorte de algumas investigações já desenvolvidas sobre a temática supracitada.

2 Aspectos Metodológicos

Para a realização desta pesquisa, de natureza qualitativa, através de um estudo documental, realizamos buscas sobre trabalhos acadêmicos que tratam sobre a Linguagem Matemática, Língua Materna e enunciado de problemas matemáticos, objetos de estudo dessa investigação. Encontramos diversos trabalhos que versam sobre essas temáticas (Lorensatti, 2011; Coura, 2008; Santiago, 2008; Sousa, 2008; Araújo, 2007; Lopes, 2007; Albuquerque, 2007; D'antonio, 2006; Salmazo, 2005; Giaquinto, 2003), diante das diversas pesquisas realizadas, selecionamos quatro trabalhos como *corpus* de nossa análise, no entanto, a dissertação de Santiago (2008), transformada em livro, é objeto de análise de nossa investigação.

Esse recorte se fez necessário diante da quantidade de trabalhos a serem tomados como *corpus* de nosso estudo, bem como a limitação de páginas desse artigo. Assim, a partir da identificação e seleção do material a ser investigado, passamos a sua análise.

3 Língua Materna e Linguagem Matemática: pesquisas acadêmicas

Dos quatro trabalhos escolhidos, dois foram produzidos na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Santiago (2008) e Sousa (2008), um na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – Albuquerque (2007) e um na Universidade Nove de Julho (UNINOVE) – Giaquinto (2003).

A pesquisa de Santiago (2008) intitulada “Os marcadores Conversacionais: mediadores na definição dos significados dos termos científicos da matemática no texto oral do professor”, trata sobre a questão dos marcadores conversacionais presentes na construção do texto oral de uma professora de Matemática na interação com alunos das séries iniciais (5º



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ano), em uma escola Municipal na cidade de Campina Grande – PB. A pesquisa contou com a participação de adolescentes na faixa etária de 9 a 14 anos, a classe, na qual a pesquisa foi realizada, possuía um total de 28 alunos (16 meninas e 12 meninos).

A referida pesquisadora estudou “[...] o papel dos Marcadores Conversacionais como elementos mediadores das definições dos termos científicos da Matemática no texto oral do professor, analisando sua repercussão na compreensão dos enunciados escritos em provas de Matemática” (2008, p. 19).

Santiago (2008) estruturou sua pesquisa etnográfica, a partir da análise do texto oral da professora em sala de aula (aulas expositivas), do texto oral da aplicação dos exercícios, ao texto oral referente a aplicação da prova escrita e, também, a partir de entrevistas realizadas com os alunos da turma objeto de investigação.

Dentre as conclusões apontadas pela pesquisadora, destacamos:

- O texto oral da professora é formado, em sua maioria, por turnos³ simples tipo pergunta/resposta;
- A utilização dos turnos compostos argumentativos foram construídos com o uso dos Marcadores Conversacionais (MCs) interacionais simples, deixando o texto oral com marcas de descontinuidade;
- Ao tentar definir os termos científicos da Matemática, a professora utilizava construções linguísticas e palavras da linguagem corrente que não auxiliavam o entendimento dos conteúdos matemáticos abordados;
- Não ocorria a leitura dos conteúdos em sala de aula, o que dificultava a construção dos seus conceitos trabalhados;
- O texto oral elaborado pela professora durante a aplicação da prova restringiu-se à leitura das questões;
- Os alunos confirmaram, através das entrevistas, as dúvidas relativas ao significado dos termos científicos da Matemática.

Finalizando sua obra, Santiago (2008) discorre sobre a importância da compreensão do texto oral em sala de aula, afirmando que

[...] o texto oral de sala de aula construído na interação professor-aluno pode contribuir de maneira significativa para melhorar o desempenho escolar do aluno e,

³ Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, *apud* SANTIAGO, 2008), definem turno “como sendo qualquer intervenção dos interlocutores, além da participação entre os falantes com direito a palavra”.



que a compreensão do texto oral expositivo é um prenúncio para a compreensão do texto escrito em situação de avaliação escolar (p. 145).

A pesquisa de Albuquerque (2007), dissertação – mestrado em Ciências da Linguagem, intitulada “Alguns fatores linguísticos que interferem na inteligência dos problemas matemáticos no Ensino Fundamental I” objetivou identificar, a partir da análise de alguns problemas matemáticos dos livros didáticos, as causas da dificuldade de interpretação e inteligência dos problemas matemáticos pelos alunos que estão iniciando a leitura (1ª série do Ensino Fundamental I).

A pesquisadora teve como hipótese “que os fatores linguísticos relativos aos enunciados dos problemas matemáticos interferem na sua compreensão, conforme a articulação entre os fenômenos da língua e a construção deste tipo textual” (p. 7). Apoiando-se nos estudos sobre mecanismos enunciativos e textualizadores, a autora utiliza como recurso metodológico a análise do texto, baseando-se nos estudos da linguística textual, considerando a complexidade dos enunciados dos problemas matemáticos.

Albuquerque (2007, p. 7) acredita que

[...] as estratégias textuais, as categorias de referenciação (endofórica, anafórica, catafórica e exofórica) e dos dêiticos (tempo, lugar e pessoa), são fatores linguísticos, que, conforme a articulação na construção do enunciado, dificultam a inteligência e interpretação dos problemas matemáticos, sobretudo, pelos educandos que estão iniciando a leitura e, nesse período, apresentam dificuldades nas relações espaciais e temporais.

A pesquisadora, a partir da análise do *corpus* constituído de 8 problemas matemáticos conclui que, em sua maioria, os problemas matemáticos dos livros didáticos analisados induzem os alunos ao erro, considerando que nessa etapa escolar as crianças ainda estão em um processo de aquisição da leitura.

Conforme explicitado pela pesquisadora esses problemas contribuem para que os alunos não tenham êxitos nas questões solicitadas por apresentarem um nível de complexidade de interpretação elevado, quanto à referenciação lexical destinada ao seu público alvo. Além desses problemas, ela destaca que os problemas analisados não apresentam contextos reais às crianças (contextualização), não possuem uma linguagem clara e, que eles, possuem palavras-chave de quais operações devem ser executadas para se chegar à solução, bastando apenas aos alunos identificarem essa palavra-chave e resolverem a operação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A pesquisa desenvolvida por Sousa (2008), Trabalho Acadêmico Orientado (TAO), observou as dificuldades de leitura em enunciados de questões matemáticas por alunos da 7ª série (8º ano) do Ensino Fundamental II, a partir de questões retiradas do Livro Didático adotado na escola, situada na Cidade de Campina Grande – PB, “A Conquista da Matemática: a + nova”.

O trabalho consistiu em uma pesquisa descritivo-analítica e explicativa realizada em uma turma com 28 alunos (16 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), na qual foram aplicadas três listas de exercícios retiradas do livro didático, especificamente sobre os conteúdos Equações e Sistemas de Equações do 1º grau.

O pesquisador classificou os enunciados das questões em simples e complexos. Os enunciados simples “expõem de forma concisa uma breve contextualização dos dados, estimulando no leitor o desenvolvimento de uma leitura rápida, sem complexidade na interpretação, o que torna a questão mais direta, voltada à aplicação de regras/fórmulas aprendidas” (SOUSA, 2008, p. 15), já nos enunciados complexos a “[...] contextualização escrita é maior devido ao elevado número de informações, requerem do educando reflexão, reconhecimento e avaliação, requisitos necessários à sua boa aplicação no momento de resolução dessa situação-problema” (*op. cit.* pp. 14-15).

Após a aplicação de um questionário inicial, objetivando diagnosticar a prática de leitura na disciplina de Matemática, o autor aplicou as listas de exercícios. A primeira lista continha 9 questões, duas com enunciados simples e sete com enunciados complexos. A segunda possuía 13 questões, cinco com enunciados simples e oito com enunciados complexos. A última lista possuía um total de 16 questões com enunciados complexos. O autor selecionou algumas questões do total aplicado para analisar o desempenho dos alunos quantos aos acertos, erros e não emissão de respostas (questões em branco).

O pesquisador, a partir da análise dos dados, concluiu que os alunos, praticamente todos, conseguiram responder as questões dos enunciados simples, poucos deixaram as questões em branco ou emitiram respostas erradas. Quando se observa o desempenho desses alunos em questões de enunciados complexos verifica-se que poucos, no máximo 5 alunos do total pesquisado, conseguiram solucionar as questões propostas. A maior parte deles (mais de 55%) erram as questões e os demais as deixam em branco.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O trabalho de mestrado de Giaquinto (2003), intitulado “Do ‘bagulho’ ao enunciado: uma contribuição para atuação de professores do ensino básico diante de algumas dificuldades na aprendizagem da Matemática”, objetivou “[...] examinar as dificuldades em ler e interpretar o enunciado dos problemas matemáticos, as dificuldades de interpretação da linguagem matemática, bem como o uso da língua materna do aluno [...]” (GIAQUINO, 2003, pp.3-4).

O trabalho de pesquisa foi realizado em uma escola particular no município de Osasco (SP), com alunos da 5ª série (atualmente 6º ano), turno matutino, sendo classificado como uma pesquisa de campo. Apesar do foco do trabalho ser com alunos da 5ª série, a pesquisadora apresenta exemplos das dificuldades enfrentadas pelos alunos de outras séries na resolução de algumas questões trabalhadas em sala de aula. Vejamos:

- a) Determine os valores reais de x para que o valor numérico da expressão $(x^2 + 4x)$ seja igual a -3 . Os alunos sabiam resolver uma equação de segundo grau, a dúvida era a seguinte: Onde colocar -3 . Para os alunos, a equação correta seria: $x^2 + 4x = a - 3$. Estranho, duas variáveis na mesma equação, não? Na verdade, a equação correta é: $x^2 + 4x = -3$.
- b) A hipotenusa é o maior lado do triângulo retângulo. Dados os dois catetos $b = 2$ cm e $c = 3$ cm, determine-a. Os alunos sabiam utilizar corretamente o Teorema de Pitágoras, mas o grande problema para eles era: Onde colocar o $-a$. (GIAQUINTO, 2003, p. 21).

A pesquisadora apresenta uma série de elementos relativos aos aspectos históricos da Escola, a exemplo do bairro onde se localiza, a estrutura escolar, proposta didática e pedagógica, organização administrativa, o sistema de avaliação, o perfil geral dos alunos e da professora pesquisadora.

Giaquinto (2003) finaliza seu trabalho destacando a importância da resolução de problemas nas aulas de Matemática, da criação de um clima de pesquisa em sala de aula, das discussões sobre as soluções dos problemas e afirmando que “o aluno só consegue realmente entender o problema, quando ele está apto a pensar no nível abstrato – da logística⁴ [...]” (p.78).

Da leitura dos trabalhos anteriores, visando um melhor agrupamento dos dados levantados, elaboramos a tabela a seguir, que apresenta uma síntese das pesquisas consultadas.

⁴ A autora afirma que a matemática é a logística (*demonstração de um raciocínio através de símbolos e sinais*), subdivisão da Lógica Formal de Aristóteles (p. 56).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quadro 1 – Síntese das pesquisas consultadas

AUTOR – (ANO)	NÍVEL ESCOLAR	OBJETIVO	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
SANTIAGO (2008)	Ensino Fundamental I – 5º ano.	“Estudar o papel dos Marcadores Conversacionais como elementos mediadores das definições dos termos científicos da Matemática no texto oral do professor, analisando sua repercussão na compreensão dos enunciados escritos em provas de Matemática”. (p. 19)	Marcuschi (1986, 1989, 1992, 1998), Castilho (1998), Fáveo <i>et al.</i> (1999) Koch (1995, 1997), Rosa (1992), Bakhtin (1992, 1995), Machado (1998) e Vygotsky (1988, 1998).
SOUSA (2008)	Ensino Fundamental II – 8º ano.	“Diagnosticar a influência que os enunciados matemáticos causam ao aluno/leitor, levando-o a cometer equívocos, ou erros na resolução dos problemas sugeridos no Livro Didático de Matemática”. (p. 11)	Coracini (1999), Costa (2000), Costa Val (2006), Freitas e Costa (2002), Kleiman (1999), Koch (2000), Libâneo (1991), Marcuschi (1999), Prestes (2002), Rojo e Batista (2003), Soares (2002), Teberosky (2003).
ALBUQUER QUE (2007)	Ensino Fundamental I – 2º ano	Identificar, a partir da análise de alguns problemas matemáticos dos livros didáticos, as causas da dificuldade de interpretação e intelecção dos problemas	Barros (1990), Marcuschi (2003), Dascal (1982), Bronckart (1999), Maingueneau (2000), Parret (1988), Koch



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

		matemáticos pelos alunos que estão iniciando a leitura (1ª série do Ensino Fundamental I).	(2000) e Foucault (2000).
GIAQUINTO (2003)	Ensino Fundamental II – 6º ano	“[...] examinar as dificuldades em ler e interpretar o enunciado dos problemas matemáticos, as dificuldades de interpretação da linguagem matemática, bem como o uso da língua materna do aluno [...]”. (p. 3-4)	Machado (1995), Orlandi (1997), Saussure (1975), Chaui (1995).

Dos quatro trabalhos consultados, verificamos que dois foram desenvolvidos no Ensino Fundamental I e dois foram desenvolvidos no Ensino Fundamental II.

Das pesquisas analisadas, apenas uma, Albuquerque (2007) não foi desenvolvida em sala de aula. As demais foram realizadas a partir de intervenções em sala de aula, visando examinar as dificuldades em leitura e interpretação dos enunciados de problemas matemáticos, as atitudes e procedimentos dos alunos diante da leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais, diagnosticar a influência que os enunciados matemáticos dos livros didáticos causam nos alunos, levando-os a cometerem erros em sua resolução e, verificar o papel que os Marcadores Conversacionais desempenham como elementos da mediação na compreensão dos termos científicos da Matemática presentes na oralidade do professor, analisando se eles auxiliam na compreensão do gênero enunciados escritos nas provas de Matemática.

Percebemos que há uma grande preocupação com a questão da leitura e interpretação dos enunciados de problemas matemáticos na fase inicial da Educação Básica (Ensino Fundamental I e II), conforme apontado nas pesquisas analisadas.

4 Considerações finais

As dificuldades apresentadas nas pesquisas, geralmente, são ocasionadas pela falta de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um trabalho adequado com leitura e interpretação dos problemas propostos pelo professor, ou mesmo ao excessivo uso de exercícios nas aulas de matemática para os quais são dadas instruções diretas sobre o que os alunos devem realizar, além de uma visão inadequada em matemática presente em nossa sociedade, disciplina que lida apenas com números, exigindo apenas que os alunos retirem dados presentes nas questões dadas ou busquem a indicação de qual operação realizar para solucionar as questões propostas.

Além disso, não há uma exploração, por parte dos docentes, acerca da Linguagem Matemática que, muitas vezes, não explicitam aos alunos o significado de determinados termos por considerar, talvez, que eles conhecem o seu significado. Ademais, a desconexão entre a Linguagem Matemática e a Língua Materna sempre esteve presente no ensino de matemática desde as séries iniciais, portanto, carecendo de ações que as aproximem na prática decente.

Dessa forma, a mecanização no ensino de matemática encontra subsídio na crença de que os alunos devem apenas realizar operações, decorar e utilizar fórmulas, seguir regras e aplicar macetes para solucionar os exercícios propostos. Por esse motivo torna-se recorrente em aulas desta disciplina perguntas direcionadas ao tipo operações, a exemplo, se a conta é de mais ou de menos, que procedimento deve ser utilizado por falta do incentivo a leitura e a interpretação dos enunciados das questões nas aulas de matemática.

Em síntese, podemos destacar que a preocupação com a questão da leitura e da interpretação do texto matemático em sala de aula deve ser uma constante no trabalho docente. Não se restringindo apenas aos professores de Língua Portuguesa, conforme apontado por Salmazo (2005, p. 114): “[...] na escola, geralmente as responsabilidades sobre o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita são atribuídas unicamente aos professores de Língua Portuguesa, o que evidentemente, não é suficiente”.

A interdependência entre Língua Materna e Linguagem Matemática merece atenção especial por parte dos professores de Matemática com relação às dificuldades apresentadas pelos alunos. E uma metodologia adequada ao processo de ensino-aprendizagem da Matemática que consiga levar em consideração o trabalho com a questão da leitura, escrita e interpretação de textos nas aulas dessa disciplina, pode ocorrer através da Resolução de Problemas como uma metodologia de ensino de Matemática, indicada pelo Conselho Nacional de Professores de Matemática (NCTM) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Matemática (BRASIL, 1998), bem como das constantes pesquisas que têm sido realizadas nessa temática, constatando sua importante contribuição no processo ensino-aprendizagem de Matemática.

5 Referências

ALBUQUERQUE, R. N. *Alguns fatores lingüísticos que interferem na inteligência dos problemas matemáticos no ensino fundamental I*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2007. (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, J. J. P. *Gêneros do discurso como forma de produção de significados em aulas de matemática*. Salvador: IF-UFBA, 2012. (Tese de Doutorado).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Matemática*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GIAQUINTO, A. *Do “bagulho” ao enunciado: uma contribuição para atuação de professores do ensino básico diante de algumas dificuldades na aprendizagem da Matemática*. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2003. (Dissertação de Mestrado).

GÓMEZ-GRANELL, C. *A aquisição da linguagem: símbolo e significado*. In: A. TEBEROSKY e L. TOLCHINSKI (Orgs.). *Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática*. Trad. Stela Oliveira. São Paulo: Ática, 1997. p. 257-282.

MEDEIROS, C. F. *Por uma educação Matemática como intersubjetividade*. In: BICUDO, M.A.V. (Org.). *Educação Matemática*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

SADOVSKY, P. *O ensino de matemática hoje: enfoques, sentidos e desafios*. 1. ed. Trad. Antonie de Padua Danesi. São Paulo: Ática, 2010.

SANTIAGO, Z. M. A. *Os marcadores Conversacionais: mediadores na definição dos significados dos termos científicos da matemática no texto oral do professor*. João Pessoa: Manufatura, 2008.

SOUSA, F. H. L. *Enunciados de questões matemáticas: uma leitura de difícil compreensão para os alunos*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2008. (Monografia de Graduação).